

pelo que publicou o jornal em toda a sua existência. Esse órgão do pior oficialismo durou até 24 de junho de 1823, naufragando com a derrota do general Madeira e a expulsão das forças portuguesas da Bahia. Por doze anos, coerentemente, sustentou a posição defendida pelos dominadores lusos. Chegou a ser tão odiado por isso que o livreiro Paul Martin, seu agente no Rio, desistiu de vendê-lo, restituindo a importância das assinaturas recebidas.

As *Variedades ou Ensaaios de Literatura* tirou dois números, no início de fevereiro e nos fins de julho de 1812, este duplo. Propunha-se a divulgar discursos, extratos de história antiga e moderna, viagens, trechos de autores clássicos, anedotas, etc. Suas características de jornal, assim, eram muito vagas. Foi ensaio frustrado de periodismo de cultura — destinava-se a mensário — que o meio não comportava. Tanto assim que, apesar de todos os esforços, durou dois anos apenas *O Patriota*, do mesmo gênero — entre janeiro de 1813 e dezembro de 1814 — fundado por Manuel Ferreira de Araújo Guimarães, que sucedera a frei Tibúrcio na redação da *Gazeta do Rio de Janeiro*, nela permanecendo até 1821. Foi mensário em 1812, passando a bimestral em 1813, vendido o número avulso a 800 e depois a 1200 réis, ascendendo a assinatura de 4\$000 a 6\$000 o semestre. Ostentava por epígrafe os versos de Ferreira: “Eu desta glória só fico contente, / Qua a minha terra amei e a minha gente”. Acolheu colaboração de homens de letras da época: Borges de Barros, depois visconde da Pedra Branca, Mariano José Pereira da Fonseca, depois marquês de Maricá, Silva Alvarenga, Silvestre Pinheiro Ferreira e outros, todos servidores do governo joanino.

Não foram estes os únicos exemplos da imprensa áulica que o governo joanino forjou ou amparou aqui e fora daqui. Pela necessidade de enfrentar e neutralizar a ação do *Correio Brasiliense*, estimulou algumas tentativas de periodismo, começando pelos folhetos de tipo panfletário e completando-se, logo depois, com órgãos específicos do jornalismo. Já em 1809, em Lisboa, surgiam as *Reflexões sobre o Correio Brasiliense*, redigido por frei Joaquim de Santo Agostinho Brito França Galvão, de que apareceram seis números, saídos da Impressão Régia à custa do governo. O desembargador José Joaquim de Almeida e Araújo Correia de Lacerda tirou também naquela oficina quatro cadernos de combate às idéias e às posições de Hipólito da Costa. Panfletos e verrinas em grande número foram fornecidos pelo governo, aqui e em Lisboa, desde a expulsão dos franceses. Dos mais destacados foliculários que os escreveram foi o padre Agostinho de Macedo. As formas esporádicas de ataque não deram resultado: continuou a circular o jornal de Hipólito da Costa e seu prestígio cresceu com elas.